



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

OFICINA DE FOTOGRAFIA COMO VEÍCULO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EM SAÚDE: EXEMPLO DA FAVELA DO DETRAN, NATAL-RN

Tadeu Mattos Farias¹

Anna Carolina Vidal Matos²

RESUMO: O presente trabalho trata de uma oficina de fotografia sobre educação ambiental e em saúde, organizada por estagiários de psicologia, em 2007, na favela do DETRAN, situada no bairro de Cidade Nova, no município de Natal – RN. As condições ambientais do bairro, como despejo inadequado de lixo, alagamentos, contaminação de alimentos, dentre outras, se destacam como causadoras de grande parte dos problemas de saúde, o que fez com que a Unidade de Saúde da Família local articulasse tal ação. A oficina teve quatro participantes, e buscou captar o olhar dos adolescentes sobre as condições ambientais locais. Teve como prerrogativa as noções de empoderamento e de participação da comunidade na solução dos problemas locais. Os objetivos da ação foram de discutir, a partir das fotografias, as relações entre ambiente e saúde local e levar esse diálogo para o restante da comunidade, além de criar as bases para outras ações de educação ambiental e em saúde. Para isso adolescentes moradores foram entrevistados em suas casas, e a turma formada participou de quatro encontros, que envolveram: ensinamento dos aspectos básicos da fotografia, discussão das relações entre ambiente e saúde, confecção de máquinas pela técnica Pinhole, fotografia e revelação. As fotos destacaram, principalmente, a exposição dos moradores aos montantes de lixo e à falta de saneamento, além disso, a discussão tratou da higiene nas ruas e nas residências.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Educação em Saúde, Comunidade, Favela, Oficina de Fotografia

ABSTRACT: The present paper exposes a photography workshop about environmental and health education, organized by psychology students, in 2007, in the DETRAN's Slum, located in the Cidade Nova's neighborhood, in the city of Natal - RN. The environmental conditions of the neighborhood such as inadequate waste deposition, flood, food contamination, and others, were highlighted as cause of most part of health problems, the reason why local Family Healthcare Center articulated this activity. The workshop had four participants, and aimed to capture the adolescents view about the local environmental conditions. It had, as prerogative, the notions of empowerment and community participation in local problems solution. The objectives of the activity were: discuss, through the photos, the relationship between local environment and health and take this dialogue to the rest of the community, and create the basis of other actions of environment and health education. Thus, adolescents were interviewed in their houses, and the group formed participated in four meetings, which involved: teaching of basic aspects of photography, discussion about relationships between environment and health, confection of cameras using Pinhole technique, photography and revelation. The photos

¹ Mestrando em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Grupo de Estudos Inter-Ações Pessoa-Ambiente, tadeumattos@gmail.com.

² Graduada em Psicologia. Psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial do município de Assaré-CE. annacarolvidal@yahoo.com.br.

highlighted, mainly, the dwellers exposition to lots of waste and the lack of sanitation, besides this, the discussion handled with the hygiene on the streets and houses.

Key words: Environmental Education; Health Education; Community; Favela; Photography Workshop

INTRODUÇÃO

A educação ambiental é um tema atual e difundido tanto no campo científico quanto nas práticas profissionais. Essa projeção é fruto da importância do processo educativo na mudança de postura das pessoas em relação à degradação do nosso entorno natural.

Mais do que isso, as atenções têm se voltado para como o ambiente está relacionado aos diversos processos de nossas vidas, como o bem-estar e a relação saúde-doença. Do ponto de vista das políticas públicas, é necessária a atenção para as condições ambientais diante da precariedade dos serviços governamentais (PEDRINI, 2010). Além disso, deve-se frisar o envolvimento dos atores envolvidos nos problemas locais, bem como sua participação na resolução dos principais problemas.

Este trabalho objetiva apresentar um processo de educação ambiental e em saúde sustentado por essa perspectiva de educação e participação popular, a partir da utilização da atividade lúdica veiculada pela fotografia. A experiência aqui exposta ocorreu em uma região conhecida como “Favela do DETRAN”, localizada no bairro de Cidade Nova, na cidade do Natal-RN e as ações desenvolvidas fizeram parte do estágio de conclusão do curso de Psicologia em 2008, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A experiência teve como objetivo chamar a atenção dos adolescentes, em primeiro lugar, e do restante da comunidade, posteriormente, para a relação entre o ambiente em que vivem e a saúde local. Por ser um local de difíceis condições sócio-econômicas e ambientais, habituado à convivência com montantes de lixo nas ruas, falta de esgotamento, falta de higiene no tratamento de alimentos, alto índice de doenças geradas por esses problemas, a Oficina de Fotografia foi pensada como primeiro passo a ser dado na construção de um conjunto de ações de educação ambiental para a melhoria das condições locais.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

Para se falar sobre educação ambiental, em qualquer espaço, devemos, antes de tudo, nos perguntar qual o cenário em questão, quem são os atores nesse cenário e como pensam sobre o seu ambiente para, a partir daí, entendermos como agir.

Devemos agir visando à melhoria das condições ambientais, pois ele – o ambiente – compõe a base das relações humanas. É o *setting* onde se desenrola o cotidiano. A

necessidade de ação é urgente, pois o meio ambiente está perecendo, e a crise ambiental que está posta é, na verdade, uma crise humano-ambiental (PINHEIRO, 1997).

Para esse contexto humano-ambiental, devemos considerar que os problemas relacionados ao meio ambiente abarcam, em sua complexidade, a fome e a desnutrição, destruição de ecossistemas e paisagens, disparidade entre populações humanas, escassez de recursos, dentre outros (MEYER, 1991). Assim, a educação ambiental para a sustentabilidade planetária é um processo de “aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida e que afirma valores e ações que contribuam para as transformações sócio-ambientais exigindo responsabilidades individual e coletiva, local e planetária” (TORZONI-REIS, 2006, p. 66).

Pensar educação ambiental nesses termos é amarrá-la a um projeto de cidadania, voltar as atenções para desenvolvimento de políticas públicas e mudanças de atitudes pessoais e coletivas para diminuir os impactos negativos gerados pela ação do homem contra o equilíbrio dos ecossistemas e da vida (MENEZES, 2007). Nesse mesmo sentido, Whitaker e Bezzon (2006) propõem que é necessária a geração de conhecimento endógeno, como única forma de embate à produção e reprodução desses problemas.

Leonardi (2002) ressaltou que a educação ambiental pode ser classificada em quatro diferentes formas, que correspondem às formas de fazê-la, a saber: Biológicas, Espirituais/Culturais, Políticas, Econômicas. Essas práticas vão desde uma educação que visa a preservação do meio, até a promoção de autoconhecimento e desenvolvimento ético do indivíduo em envolvimento com o meio.

Em tempos em que ainda se concebe ambiente apenas como o entorno dos indivíduos (HISSA, 2006), como se fôssemos externos a esse, a educação ambiental trata de pensar em como quebrar essas barreiras. Nas palavras de Sauv  (2005, p.318) “trata-se de uma dimensão essencial da educa o fundamental que diz respeito a uma esfera de intera oes que está na base do desenvolvimento pessoal e social”.

Nesses termos, considera-se um processo educativo de embate ao reducionismo e ao dissociacionismo, em prol de entendimento complexo das rela oes sócio-ambientais. Na perspectiva do Programa Nacional de Educa o Ambiental (PRONEA), esta   caracterizada pelos processos pro meio dos quais os indivíduos e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltados para a conserva o do meio ambiente (BRASIL, 1997).

Enfim, é um processo que visa vincular “aqui e alhures, passado, presente e futuro, local e global, as esferas política, econômica e ambiental, entre os modos de vida, a saúde e o meio ambiente” (SAUVÉ, 2005, p. 318).

Para Andrade Júnior, Souza e Brochier (2004), o esforço normativo exercido pelo Plano Nacional de Educação Ambiental (PNEA), aponta para o surgimento de uma educação ambiental porque pressupõe o reconhecimento de que a educação tradicional não tem adotado esse enfoque de forma satisfatória.

Tal formato de educação, em contraste com os fundamentos da educação ambiental acima referida, concebe e exerce o processo educativo é como um processo de instrução (passiva) com o objetivo central de mudança (imediate e unilateral) de comportamentos individuais a partir de decisões informadas, em um contexto onde se exercita uma forma de comunicação de caráter basicamente cognitivo/racional.

Ainda assim, para Tristão (2005, p. 253) os discursos em educação ambiental acabam, muitas vezes, corroborando com essa idéia de educação, atendendo à racionalidade cientificista, formal e instrumental de um conhecimento regulador. Para a autora: “atuações nesses moldes despotencializam as práticas dos sujeitos sociais, fazendo da educação ambiental uma falácia que não se reverte em práticas cotidianas significativas de cuidado para com o meio”.

No cenário de uma favela – caso que será tratado aqui – bem como em outro qualquer, o processo educativo deve ser idealizado num formato que enfatize

[...] não o processo de transmissão de conhecimento, mas a ampliação dos espaços de interação cultural e negociação entre os diversos atores envolvidos em determinado problema social, para a construção compartilhada do conhecimento e da organização política necessários à sua superação (VASCONCELOS, 2004, p. 71).

Essa idéia, associada às noções de empoderamento (GOHN, 2004), articulam o pensamento da educação ambiental e da Educação Popular. Nessa perspectiva, a educação ambiental passa a ser um “momento de reflexão e questionamento das condições de vida, suas causas e conseqüências, e se tornando um instrumento para a construção e consolidação da cidadania” (MOHR; SCHALL, 1992, p. 202).

EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Nesse entender, é possível afirmar que educação ambiental é uma ação política e envolve toda a dinâmica de um determinado contexto, desde a relação entre as pessoas com

seus espaços, as suas relações com órgãos gestores do Estado e os processos de suas próprias vidas, como, por exemplo, sua saúde.

Assim, práticas de educação em saúde são práticas sociais com propósitos ideológicos, políticos e econômicos. No estreitar das relações entre educação e saúde, os saberes e as práticas de educação em saúde eram respaldados por um discurso sanitário, higienista e normalizador, numa perspectiva de moralização e disciplinarização higiênica (ALVES, 2005).

A aproximação entre saúde ambiental e coletiva já é vista desde a publicação da agenda 21, após a conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro, Para Freitas (2005), o documento é um marco no debate da saúde coletiva global e brasileira, pois redireciona o enfoque desta para além da busca por soluções para controle e soluções de doenças, mas, principalmente, para a promoção de saúde.

Nesse sentido, a educação em saúde

[...] focaliza o encorajamento das pessoas para que adotem e mantenham padrões de vida saudáveis, usando de forma adequada os serviços colocados a sua disposição e tomando suas próprias decisões, no nível individual e coletivo, com vistas a aprimorar condições de saúde e de meio ambiente. (ANDRADE JÚNIOR; SOUZA; BROCHIER, 2004, p.45).

Essa carga, de idealizar a promoção de saúde, uma lógica que integra valores de cuidado e de interdependência, anda na contramão de uma perspectiva que delega ao ambiente a situação de perigo unidirecional na vida humana.

Nas palavras de Grynszpan (1999, p. 136), “por esse tipo de percepção, determinados seres são vistos como causa única da doença, isto é, não há uma visão de desequilíbrio ambiental ou social que possa ser a raiz do problema”. O ar seco é visto como a fonte de problemas respiratórios e normalmente se ignoram as queimadas que, geralmente, agravam esse problema, mosquitos e outros parasitas são detectados como transmissores de doenças e a invasão do homem ao seu habitat natural poucas vezes é mencionada.

Tal abordagem predominante ficou evidente na revisão de Freitas (2005). O autor identificou que, na grande maioria dos trabalhos analisados, a noção de saúde está calcada no modelo biológico do processo saúde-doença. São trabalhos centrados na avaliação da exposição, epidemiológica e, parte deles, na análise espacial.

É o modelo exogênico do adoecimento discutido por Laplantine (1991), em que o agente externo é entendido como responsável único pela enfermidade, como o inimigo a ser combatido, e o saber médico é a forma de combater essa ameaça. Essa falta de visão de

interdependência foi evidenciada numa pesquisa de Grynszpan (1999), que mostrou como os indivíduos classificavam, antropocentricamente, vegetais e animais como úteis e não-úteis.

A partir da idéia de que se pode educar para a saúde, as práticas nessa área seguiram a perspectiva do modelo higienista e comportamentalista, adotando, na maioria das vezes, medidas corretivas e de instrução verticalizada de um conhecimento já instituído (GAZZINELLI, GAZZINELLI, REIS, PENNA, 2005), o que alimenta a noção reducionista destacada no parágrafo anterior.

Ao contestar tal modelo, Tambellini e Câmara (1998) afirmaram que a produção científica no campo da saúde coletiva deve entender os determinantes dos processos de saúde e doença em termos coletivos, de natureza complexa, integrando dimensões ecológicas, biológicas, sociais e psíquicas. O ambiente, dessa maneira, é um elemento que permanentemente circunda as relações humanas, social, política, ideológica, física, biológica ou culturalmente (SENA; CEZAR-VAZ, 2010).

Nessa direção, é visível a articulação entre educação em saúde e educação ambiental. Essa é, segundo Andrade Junior, Souza e Brochier (2004), uma das vertentes daquela.

É papel dela, educação ambiental, como ação política, evidenciar a relação ambiente-saúde, e enfrentar a noção hegemônica de saúde como ausência de doença. Isso significa estabelecer uma noção definitiva de interdependência entre sociedade e meio-ambiente, cuidado e bem-estar, e provocar o sentimento de que a busca por justiça social passa pela dimensão ambiental, a partir da apropriação da realidade que envolve cada indivíduo.

OFICINA DE FOTOGRAFIA NA FAVELA DO DETRAN – O CENÁRIO E A AÇÃO

O bairro de Cidade Nova se destaca por algumas características naturais, como o Campo Dunar do Pitimbu, Candelária e Cidade Nova, uma Zona de Proteção Ambiental (ZPA-1), principal área do aquífero subterrâneo de Natal, Lei nº. 4.664/95, (NATAL, 2005).

Sendo assim, em 2001, a Unidade de Saúde da Família do bairro (USF - Cidade Nova), por meio da equipe de saúde da família PSF I, elaborou em conjunto com o Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) o Programa de Educação Sanitária e Ambiental (PESA), que tem como objetivo promover a educação ambiental permanente, fortalecendo a mobilização e participação comunitária, visando prevenção e promoção de saúde.

Em crítica aos processos tradicionais de educação e voltando-se para as práticas de saúde, Vasconcelos (2004), afirma que, neste cenário, tem-se assistido, na maioria dos

serviços, à reprodução de ações educativas extremamente normatizadoras e centradas apenas na inculcação de hábitos individuais considerados saudáveis.

Tal forma de trabalho educativo boicota a participação popular, pois “faz calar os sujeitos e afasta as lideranças locais do envolvimento, com os serviços, do processo de transformação social através do diálogo de saberes e da reflexão crítica de suas realidades de vida e saúde” (VASCONCELOS, 2004, p. 77).

Foi a partir da iniciativa do PESA, balizados pelas idéias que circundam a crítica supracitada, que profissionais da Unidade de Saúde da Família do bairro (USF - Cidade Nova) e os estagiários, pensaram as ações de educação ambiental na favela em questão.

Igualmente, no contexto em questão, apresentou-se uma demanda por meios de diminuir a distância existente, subjetivamente e concretamente, entre a Unidade de Saúde, seus programas e os moradores locais, o que condiz com a idéia de que as favelas, em geral, são espaços de concentração dos mais pobres dentre os pobres, em virtude da diminuição da densidade organizacional desses lugares e pela baixa presença do Estado (RIBEIRO; LAGO, 2001).

A perspectiva do PESA é voltada para a mobilização e participação popular em saúde, entendida por Acioli (1998) como “conjunto de processos de informação, educação e comunicação, para a organização de grupos comunitários, objetivando participar na prevenção da doença”.

Nesse sentido, estratégias de intervenção em educação ambiental devem reconhecer e valorizar o saber local, incluí-los para melhor definição de problemas e variáveis, e tomá-los como importantes nas tomadas de decisões sobre questões ambientais e de saúde (FREITAS, 2005).

PÚBLICO-ALVO

A Oficina de Fotografia sobre saúde e meio ambiente foi realizada na região do bairro de Cidade Nova conhecida como *favela do DETRAN*, que recebe esse nome por ter como um dos limites físicos o muro do departamento de trânsito do estado.

Como participantes, foram escolhidos adolescentes, moradores locais, considerados em situação de vulnerabilidade social. Situação, essa, de escassez de recursos contextuais que, presentes, lhes permitiriam bem-estar ou diminuição das condições nocivas (PEDRINI; COSTA; GHILARDI; 2010).

Nesse sentido, existe um imperativo para que políticas públicas dêem possibilidade de futuro para a população jovem, que não seja atrelada à criminalidade. Assim, falta de

perspectiva de futuro e de empregos para as gerações mais novas retrata uma subsequente reprodução da pobreza e da inserção marginal dessas pessoas.

O que se vê é um ambiente à margem de políticas públicas eficazes, com uma recente história atrelada ao tráfico e à violência e, por isso, alvo de representações negativas por parte de outros espaços da sociedade (NAIFF; NAIFF, 2005). Além disso, tal proposta de protagonismo da população jovem corrobora os preceitos da Agenda 21, cujo capítulo 25 estabelece “que os governos, de acordo com suas estratégias, devem tomar medidas para permitir participação da juventude nos processos de tomada de decisões relativas ao meio ambiente” (SORRENTINO; TRAJBER; MENDONÇA; FERRARO JÚNIOR, 2005).

MÉTODO

A opção pelo uso de uma oficina de fotografia se deu pela junção de dois aspectos: a proposta do Programa de Educação Sanitária e Ambiental focada na qualidade ambiental como premissa fundamental no ideal da promoção de saúde e o levantamento de falas dos moradores locais que enfatizaram as condições precárias de vida como principal problema. O papel da fotografia foi o de entrelaçar esses aspectos e poder ser uma fala dos próprios atores sociais locais.

No contexto da educação ambiental, o uso da fotografia como mecanismo de sensibilização e apropriação pode ser visto como um mecanismo que proporciona o surgimento do discurso e da elaboração sobre o mesmo, além de ser uma atividade que proporciona um registro documental de forte impacto e impressão para os envolvidos. Sendo assim, alia-se à seguinte perspectiva de Sauv e:

A educa o ambiental visa a induzir dinâmicas sociais, de início na comunidade local e, posteriormente, em redes mais amplas de solidariedade, promovendo a abordagem colaborativa e crítica das realidades socioambientais e uma compreensão aut noma e criativa dos problemas que se apresentam e das solu es possíveis para eles (2005, p. 317):

O próprio Programa Nacional de Educa o Ambiental (ProNEA) reforça o incentivo   produ o artística para a difusão da educa o ambiental ao tratar da comunica o para este fim.

O uso da fotografia tem sido uma estratégia que pode integrar os fatores aqui ressaltados, a saber: participa o, compartilhamento de saberes, responsabiliza o individual e comunitária, contextualiza o e rela o pessoa-ambiente. Essa articula o de vetores se d  na medida em que se entende a fotografia como “expressão subjetiva de um indivíduo que

interage com o meio: utilizando-se de seus sentidos, realiza um recorte da realidade” (FERNANDES, 2006, p. 43).

Ao discutir o poder de mobilização da imagem, Dondis (1999) mostra como as crenças, o conhecimento, o desejo, e o consumo são atrelados às fotografias e ao domínio que elas exercem sobre nossa psique.

Por outro lado, o olhar do fotógrafo atribui valor e drama ao cenário durante o processo de criação e composição (KOSSOY, 2002), o que revela o poder de expressão subjetiva e perceptiva da fotografia, como exposto mais acima. A fotografia é, então, um processo de integração entre realidades e ficção, do que expressa e do que é desejado expressar e, na percepção do fotógrafo, interação entre imagens mentais e técnicas (KOSSOY, 2005).

Dessa forma, tal estratégia pode atuar como mecanismo de elucidação do olhar dos moradores de um determinado local – por vezes negligenciado - em um processo que evidencie o ambiente respectivo, visando um caráter educativo de sensibilização para as relações das pessoas com o mesmo em todos os possíveis aspectos a ele relativos.

Tomando por base esses princípios, os estagiários de Psicologia, estagiários de serviço social, a enfermeira responsável pela micro-área administrativa que comporta a favela, bem como os agentes comunitários de saúde, visitaram os moradores locais e entrevistaram adolescentes. As conversas foram subsidiadas por um roteiro semi-estruturado, e buscavam explorar dois temas: o interesse e disponibilidade para participação na oficina e; investigar se havia, por parte dos entrevistados, uma conexão entre a realidade ambiental e de saúde locais.

A partir das entrevistas foi formada uma turma de quatro participantes. A oficina foi realizada numa parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (estagiários e departamento de Psicologia), a Universidade Potiguar (UNP), que disponibilizou o laboratório de revelação, e a ONG Zoon, que pauta suas ações de educação visual, pela compreensão dos processos sociais, econômicos, culturais e ambientais do mundo contemporâneo (ZOON, 2008). Essas duas últimas instituições foram contatadas por telefone e, aos responsáveis foi apresentado o contexto e propósito da oficina.

A atividade implicou o envolvimento dos participantes em todas as etapas, a saber: aspectos básicos da fotografia (foco, enquadramento, luz, composição da cena), confecção de máquinas a partir de latas de leite reutilizadas (técnica Pinhole), discussão da temática ambiental, fotografia e revelação.

Na etapa inicial, as questões técnicas básicas de fotografia foram apresentadas pelo professor responsável. A etapa seguinte foi iniciada com a discussão da temática que nortearia as fotos, a relação entre ambiente local e saúde. Nessa etapa, dois pontos principais foram tratados: como os ambientes em que eles vivem diariamente influenciam em suas vidas e; quais são os principais problemas ambientais globais e locais e sua implicação para a saúde.

Seguida à discussão, foi iniciada a etapa de confecção das máquinas, a partir de materiais trazidos pelos participantes e por funcionários da Unidade de Saúde da Família (latas de leite, tinta, recortes de revistas).

A quarta etapa foi a fotografia dos ambientes. Aos participantes, foi orientado que tirassem fotos do que lhes chamasse atenção sobre o ambiente da favela. Eles deviam ter em mente as implicações desses ambientes para sua saúde e da comunidade, bem como a perspectiva protagonista de “mostrar” algo no ambiente que lhes inquietasse. Nesse sentido, deveriam escolher fotografar o que achassem que merecia ser discutido com o restante da comunidade.

A etapa final foi de revelação. Os participantes foram, juntamente com os profissionais, ao laboratório de revelação disponibilizado pela Universidade Potiguar e puderam acompanhar como é feito o processo de revelação.

RESULTADOS

Foram dois os objetivos principais da ação realizada: despertar no discurso e na expressão fotográfica a relação entre meio ambiente e saúde e; estabelecer uma proximidade visando ações futuras de educação ambiental no local numa parceria entre moradores e profissionais de saúde.

Com relação ao primeiro objetivo, dois aspectos se destacaram na discussão inicial e nas fotos: o lixo e a falta de saneamento. Nesse sentido, os locais mais predominantemente fotografados foram os pontos de acúmulo de lixo e as valas nas ruas por onde corre água não-esgotada.

Esses elementos foram marcantes, também, na discussão anterior às fotos como os principais problemas ambientais que prejudicam a saúde deles. No momento da discussão, outros problemas ambientais, como desorganização e sujeira do quarto, falta de espaço nas casas, os espaços lúdicos da comunidade, foram levantados, mas não foram representados nas fotos.

Durante a discussão sobre o problema do lixo local, os participantes lembraram a ação de desratização ocorrida no bairro, por iniciativa do PESA, em 2007. Os participantes mostraram já ter conhecimento sobre a transmissão de doenças relacionadas a esses problemas ambientais, mas tenderam a responsabilizar o governo.

Pouco foi falado sobre a responsabilização individual sobre o espaço público. Essa responsabilização só foi abarcada por eles no que diz respeito ao ambiente residencial, tratando de sujeira e organização da casas.

DISCUSSÃO

Ao unir os dois momentos (discussão e fotos) é possível ver uma dimensão ampla do problema ambiental. A questão do lixo não foi tratada apenas pelas doenças geradas, também houve a perspectiva estética e do mau cheiro. Nesse sentido, é possível ver que quando levada para a reflexão, a relação ambiente-saúde toma mais profundidade.

Isso se aproxima de uma perspectiva que leve em conta determinantes que estão além da perspectiva higienista, criticada por Gazzinelli, Gazzinelli, Reis e Penna (2005). No caso do bairro em questão, o lixo já foi um elemento que habitava o discurso popular para identificar o local.

Mesmo depois da extinção do “lixão” local, algumas pessoas ainda usam tal referência para identificar o local, o que incomoda muitos moradores. Nesse sentido, a ênfase dada pelos participantes à questão do lixo é também uma afirmação do lado simbólico do ambiente.

Pedrini (2007) propõe um Indicador de Qualidade Conceitual para avaliar práticas em educação ambiental. Esse indicador trata de oito critérios de avaliação, a saber: prática emancipatória, transformadora, participativa, abrangente, permanente, contextualizadora, ética e interdisciplinar. Nesse sentido podemos fazer algumas considerações e perspectivas.

Como um processo de construção de uma ética sobre o ambiente, foi um pequeno passo, mas que já mostrou desdobramentos. A oficina trabalhada seguiu o princípio de que a concretização das ações propostas por meio de uma Política Ambiental acontece mais facilmente quando as pessoas envolvidas estão incluindo valores extraídos do próprio contexto onde se tenta implementar tais ações (CASTELLO, 2005).

A baixa quantidade de recursos financeiros e de tempo permitiu abranger uma parcela muito pequena da população local. Mas, sob a ótica da qualidade de ação, é possível afirmar que foi participativa e transformadora.

Os participantes se mostraram dispostos a levar a temática ambiental para dentro de suas casas e escola. As fotos foram guardadas e serão usadas em várias ações vinculadas ao programa, das quais os participantes da oficina farão parte.

Não é possível saber a abrangência da ação, pois sua continuidade foi interrompida por problemas de violência e pelas mudanças realizadas no local com a urbanização feita pela prefeitura da cidade. No entanto, é uma ação que pode ser avaliada pelo que representou no momento de realização.

Ela envolveu profissionais de áreas profissionais vinculadas à saúde, ciências humanas e sociais (agentes comunitários, enfermeiros, estagiários de Psicologia e Serviço Social) aproximando suas áreas da temática ambiental. Nesse sentido, o caráter multidisciplinar prezado para uma prática de educação ambiental foi compreendido.

Além disso, vale destacar o caráter contextualizador, já que a fotografia é um veículo de expressão interna do fotógrafo (KOSSOY, 2002) e, por meio dela, foi destacado algo marcante do contexto sócio-ambiental em questão. Mais importante, foi destacado o que era mais relevante, sob a ótica dos participantes, para ser discutido com o restante da comunidade.

Por fim, apesar do problema em relação à continuidade local, a ação não deixou de ser satisfatória, pois a qualidade de apreensão e construção da articulação entre saúde e ambiente foi premente. Foi a partir da reflexão dos participantes que o tema do lixo foi problematizado como principal incômodo local. Foi a partir do discurso deles, também, que surgiu a necessidade de conclamar outros moradores para discutir a deposição do lixo em lugares inapropriados.

Essa prática é diretamente oposta às práticas de educação verticalizadas, que impõem saberes e não incentivam o empoderamento comunitário (GAZZINELI; GAZZINELLI; REIS; PENNA, 2005). Além disso, a motivação dos participantes para realizar exposição das fotos e novas oficinas está ligada à motivação que deve ter a educação ambiental de expandir da comunidade local para redes mais amplas de solidariedade (SAUVÉ, 2005).

Do ponto de vista de educar para a saúde, também tivemos um processo de construção de conhecimento satisfatório. Nesse sentido, os participantes concordaram que não é apenas responsabilidade do serviço de saúde local o cuidado com a saúde. Eles consideraram que há um papel das escolas, dos moradores, da prefeitura, e dos profissionais de saúde, investir contra os problemas ambientais do lixo e busca por saneamento.

Os próprios participantes trataram a educação ambiental como uma vertente da educação para o cuidado com a saúde, algo de importância apontada por Andrade Junior, Souza e Brochier (2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa proposta de intervenção dentro de um processo de educação ambiental dedicou-se a um aspecto básico desse, levantado no início deste trabalho: o olhar dos moradores sobre o ambiente em que vivem.

Na cadeia de um processo de mudança das condições ambientais – e de vida – é a fundação primária que pode engendrar a apropriação das práticas de transformação. Ações que envolvam levantar problemas e possíveis soluções devem partir de quem os vive cotidianamente e a fotografia mostrou-se um bom mecanismo para erigir esse degrau inicial.

Nos discursos que emergiram da oficina estavam presentes noções de interdependência entre sociedade, ambiente e processos de saúde, e relações entre ações presentes e conseqüências futuras. Além disso, a necessidade de apropriação e implicação nos problemas também foi bem elaborada pelos participantes, dando indícios de que a técnica é satisfatória para os processos de sensibilização.

Em contrapartida, não é um empreendimento barato e só foi possível com apoio de outras instituições, mencionadas ao longo do texto. Outro problema enfrentado foi o baixo número de participantes e o fato de a ação estar inacabada. Sobre isso, vale ressaltar que é um tipo de ação que, inexoravelmente, corre esse risco, especialmente num contexto onde a rotina não se aplica tão generalizadamente. Eventos como excesso de atividades por parte dos inscritos, descrédito nos projetos da Unidade de Saúde, projeto de urbanização da favela durante o período da Oficina prejudicaram a participação.

Ainda assim, o engajamento dos envolvidos nos deu bons indicativos para um prognóstico positivo sobre esse tipo de intervenção. Isso fica claro no leque de aspectos ambientais que foram elaborados nas falas e que estão ligados ao cotidiano deles, bem como a maneira como articularam com os problemas constantemente abarcados pelos moradores. Apesar do enfoque das fotografias ter sido o lixo e a falta de saneamento, as discussões abarcaram outras escalas de ambientes e de importância.

Sobre isso, vale à pena ressaltar que em uma ação do Programa de Educação Sanitária e Ambiental, na qual os moradores levantaram o que consideram serem os principais problemas do local onde vivem, a expressão mais freqüente foi “condições de vida”. Na exploração desse tema, a pobreza e a alta taxa de mortalidade em função da violência ou em função de doenças foram os principais elementos focados.

Ao que tudo indica, a questão da saúde foi muito bem explorada na oficina exposta. Foi adequada dentro da meta traçada para a técnica utilizada, a de ser o veículo para articular, sob o olhar do morador, a proposta de prevenção e promoção da saúde sob a égide do cuidado ambiental e as questões relativas às condições de vida da população local. Como foi dito, isso é apenas um primeiro degrau, mas a ferramenta utilizada pareceu cumprir seu papel na constituição dele.

REFERÊNCIAS:

- ACIOLI, M. D; CARVALHO, E. F. *Discursos e práticas referentes ao processo de participação comunitária nas ações de educação em saúde: as ações de mobilização comunitária do PCDEN/PE. Cad. Saúde Pública, RJ, 1998, 14(2): 59-68.*
- ALVES, V. S. *Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. Interface, Botucatu, 2005, 9(16): 39-52.*
- ANDRADE JUNIOR, H; SOUZA, M. A; BROCHIER, J. I. Representação social da educação ambiental e da educação em saúde em universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17(1): 43-50.*
- BRASIL. *Programa Nacional de Educação Ambiental. Brasília: MMA, 1997.*
- CASTELLO, L. *Psicologia Ambiental e Política Ambiental: Estratégias para a Construção do Futuro. Psicologia USP, São Paulo, 2005, 16: 223-236.*
- DONDIS, D. A. *Sintaxe da Linguagem Visual. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.*
- FERNANDES, H. J. (2006). *Educação Lúdica do Olhar: abrindo as portas da percepção, 63 folhas, 2006, Monografia de conclusão de curso, IFRN, Natal, 2006.*
- FREITAS, C. M. *A produção científica sobre o ambiente na saúde coletiva. Cad. Saúde Pública, 2005, 21(3): 679-701.*
- GAZZINELLI, M. F; GAZZINELLI, A; REIS, C; PENNA, C. M. M. *Educação em Saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2005, 21(1): 200-206.*

- GOHN, M. G. *Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais*. Saúde e Sociedade, São Paulo, 2004, 13(2): 20-31.
- GRYNSZPAN, D. *Educação em saúde e educação ambiental: uma experiência integradora*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1999, 15(2): 133-138.
- HISSA, C. E. Ambiente e vida na cidade. In: BRANDÃO, C. A. L. (Org.). *As cidades da cidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 81-92.
- KOSSOY, B. *Realidades e Ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- KOSSOY, B. *O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens*. Revista brasileira de história. 2005, 25(49): 35-42.
- LAPLANTINE, F. *Antropologia da saúde*. 1 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LEONARDI, M. L. A. A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual. In: Cavalcanti, C. (Org.). *Meio Ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 391-407.
- MENEZES, D. Em defesa do planeta. *Revista Nova Escola*, São Paulo, 2007, 202: 41-51.
- MEYER, M. A. *A Educação Ambiental: uma proposta pedagógica*. Em aberto, 1991, 49: 41-46.
- MOHR, A.; SCHALLL, V. T. *Rumos da educação em saúde no Brasil e sua relação com educação ambiental*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1992, 8(2): 199-203.
- NATAL. Lei nº. 4.664 de 1995. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, Departamento de Informação Pesquisa e Estatística, Setor de Pesquisa e Estatística. Disponível em <<http://www.natal.rn.gov.br>> Acesso em: 12 mar. 2007.
- NAIFF, L. A. M; NAIFF, D. G. M. *A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? Representações sociais em tempos de violência*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Natal, 2005, 5(2): 107-119.
- ZOON. Natal, 2008. Disponível em <<Http://www.zoon.org.br/>>. Acesso em 12/Ago/2008.
- PEDRINI, A de G. *Metodologias em educação ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PEDRINI, A; COSTA, E. A; GHILARDI, N. *Percepção ambiental de crianças e pré-adolescentes em vulnerabilidade social para projetos de educação ambiental*. Ciência & educação, 2010, 16(1); 163-179.
- PINHEIRO J. Q. *Psicologia ambiental: a busca de um ambiente melhor*. Estudos de Psicologia, Natal, 1997, 2(2): 377-398.
- RIBEIRO, C. Q. R; LAGO, L. C. *A oposição Favela-Bairro no espaço social do Rio de Janeiro*. São Paulo, 2001, 1(15): 144-154.

SAUVÉ, L. *Educação Ambiental: possibilidades e limitações*. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005, 31(2): 317-322.

SENA, J; CEVAR-VAZ, M. R. *A relação saúde/ambiente nos processos de formação do profissional enfermeiro: um ensaio teórico*. Ver. eletrônica Mestr. Educ. Amb. Porto Alegre, 2010, 24: 265 – 273.

SORRENTINO, M; TRAJBER, R; MENDONÇA, P; FERRARO JÚNIOR, L. *Educação Ambiental como política pública*. Educação e Pesquisa, São Paulo, 31(2), p. 285-299, 2005.

TAMBELLINI, A. T; CÂMARA, V. M. *A temática saúde e ambiente no processo de desenvolvimento do campo da saúde coletiva: aspectos históricos, conceituais e metodológicos*. Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 1998, 3(2): 47-59.

TORZONI-REIS, M. F. C. *Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória*. Educar, Curitiba, 2006, 27: 93-110.

TRISTÃO, M. *Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido*. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005, 31(2): 251-264.

VASCONCELOS, E. M. *Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde*. Pyysis: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2004, 14(1): 67-83.

WHITAKER, D. C. A; BEZZON, L. C. *A cultura e o ecossistema: reflexões a partir de um diálogo*. São Paulo: Alínea, 2006.